

Histórias sobre trilhos

Série de Reportagens sobre a Vila de Paranapiacaba

Por Bheatriz D'Oliveira

O que você sabe sobre a Vila de Paranapiacaba? Tombada pelo Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico, Paisagístico e Turístico (Condephaat) em 1987 e, em 2002, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Paranapiacaba representa o apogeu da economia cafeeira e da tecnologia industrial no estado de São Paulo. Comprada pela Prefeitura de Santo André em 2002, a Vila encontrou no turismo uma forma de vencer a decadência sofrida pelos anos de abandono que chegaram no início da década de 1980, junto com o fim das viagens de passageiros para Santos pelo sistema funicular e, com a crise cafeeira. O poder público e a população civil tentam articular caminhos para que possa se enxergar um futuro para esse museu à céu aberto. Os personagens dessa história provam que apesar de 15 anos de planejamentos e tentativas, um longo caminho ainda precisa ser percorrido.

Link para acessar as reportagens: <http://bit.ly/2vJdrg0>

Reportagem 1

Uma nova identidade

Paranapiacaba deposita as esperanças em um futuro pautado pelas possibilidades do turismo

Ano de 2002. “Paranapiacaba, museu vivo, não será esquecida”, escreveu Cremilda Medina no sumário do livro “Caminho do Café - Paranapiacaba: museu esquecido”. Publicado um ano após sua produção, o livro trouxe à tona a discussão sobre a situação de abandono que aquele patrimônio sofria e, as perspectivas para um futuro ligado ao turismo. 15 anos se passaram. Muito se ganhou e muito se perdeu.

A origem da Vila de Paranapiacaba é diretamente ligada à produção cafeeira no estado de São Paulo, no século XIX. Originalmente produzido no Vale do Paraíba, o café passou a ocupar também a região do oeste paulista, sendo escoado pelo Porto de Santos e transportado, a partir de 1867, por Jundiaí, pelos trilhos da São Paulo Railway (SPR). Dessa implantação ferroviária, surgiu, nos contrafortes da Serra do Mar, a Vila Ferroviária de Paranapiacaba.

Em 1987, após um período de grandes denúncias sobre a degradação que o local sofria causados pelo fim da concessão ferroviária, a Vila de Paranapiacaba teve seu patrimônio cultural e natural reconhecido e tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). No ano de 2002 a Vila foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e em 2003 pelo órgão municipal, o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André (COMDEPHAAPASA). Portanto, Paranapiacaba é um patrimônio reconhecido pelas três esferas: federal, estadual e municipal.

Comprada pela cidade de Santo André, em 2002, mesmo ano da produção do livro organizado por Cremilda, o resgate daquele patrimônio era urgente. Os sinais de abandono estavam presentes nas casas, no modal ferroviário, na população que ali vivia.

Na época da SPR, a identidade de Paranapiacaba era marcada pelas relações de trabalho-moradia. Quem trabalhava na ferrovia, tinha casa garantida para a família. Quando se aposentava ou, se era dispensado, o cidadão era obrigado a deixar a Vila. Em 2002, não havia mais a SPR. Pouco menos de 20% da população, segundo a Prefeitura de Santo André, eram de famílias de ex ferroviários. A situação tinha mudado. O que se tinha ali, segundo Silvia Passarelli, arquiteta e membra do Condephaat, era uma população totalmente desarticulada e que tinha chegado a Paranapiacaba por diversos motivos. Uma

identidade precisava ser criada ali. Era preciso articular aquela população em torno de um bem maior: o resgate de um patrimônio tão singular.

A primeira e única saída que a Prefeitura enxergou naquele momento foi o turismo, atividade que pode colaborar para um desenvolvimento socioeconômico do local e melhorar a qualidade de vida da população. Levando em conta a riqueza cultural, nacional e ambiental que a Vila tinha, o caminho até o turismo começou a ser construído.

Marco Moretto, diretor de Projetos Especiais e Planejamento na Secretaria de Cultura de Santo André, acompanha desde o início o desenvolvimento da Vila. “O estímulo à abertura dos empreendimentos pelos próprios moradores, a implantação de um calendário cultural, começou o Festival de Inverno”, conta que foram os primeiros passos.

Na época da compra, Paranapiacaba ainda era propriedade da Rede Ferroviária, que estava quase desativando e, pouco fazia na Vila desde a década de 90. A população estava sendo gerida por autoridades locais, pois não sabiam quem eram as autoridades da Rede. Após a compra, a gestão dessa população totalmente desarticulada, seria apenas um dos desafios que se encontraria pelo caminho.

Ocupação

Cibele Paterli, coordenadora de saúde em Paranapiacaba e neta de ex ferroviário, passou sua infância e adolescência na Vila. Cibele conheceu uma outra Paranapiacaba, onde as coisas funcionavam. “Não era fácil fazer uma estrada de ferro funcionar. Não era fácil você viver em lugar úmido, com neblina, o perigo daqueles cabos de aço. ”, conta. Mas, mesmo assim, ela tem certeza que as coisas funcionavam melhor porque as pessoas que viviam ali sabiam da importância daquele lugar para o resto do país. O trem não podia parar, a ferrovia tinha que funcionar e, isso dependia deles. Cada um sabia da sua responsabilidade.

Após o fim da concessão ferroviária, as pessoas começaram a chegar em Paranapiacaba por diversos motivos. Alguns devido ao encantamento e paixão pelo lugar, como é o exemplo do historiador Eduardo Pin. Porém, a maioria chegou porque o custo para viver na Vila é baixo. Antes, você tinha uma população que criou uma relação afetiva com o lugar. Agora, Moretto afirma que muitos dos moradores têm uma relação utilitária com Paranapiacaba. “É barato, você não tem conta de luz, você não tem IPTU, você tem uma conta de água baixa, tem uma certa qualidade de vida”, declara.

Não existe mais ferrovia em Paranapiacaba. O que existe é uma memória ferroviária. Apesar da população atualmente não ter uma relação direta com essa memória, é preciso que haja uma apropriação por parte dessas pessoas. “Eles não se apropriaram da Vila e, se apropriar não é falar “a casa é minha”, é se apropriar da memória da Vila, da identidade da Vila”, afirma Cibele. Os moradores ainda não entenderam o que é viver dentro

de um patrimônio, onde o turismo precisa ser sustentável. “A gente vê muito isso quando tentamos inserir essas pessoas nos programas da Vila e elas estão preocupadas em ganhar dinheiro no evento e não em preservar o patrimônio”, conta Moretto.

Em Paranapiacaba, as coisas só funcionam depois das 10h da manhã durante a semana. A Vila, acaba sendo chamada, muitas vezes, de vila-fantasma, porque o turista, dependendo do dia e horário que for, não vai ver nada funcionando, não vai ver a vida que existe ali. Moretto afirma que mesmo quem quer ter uma relação utilitária com a Vila, precisa entender que o grande objeto turístico ali não é um prato de arroz e feijão ou um quarto para dormir, mas sim a própria Vila. “Mesmo essa pessoa que só pensa no lucro, teria que ter um entendimento maior da ação que exerce ali e de como essa ação interfere no bem”.

Para que o turismo se consolide em Paranapiacaba é necessário mais do que ações da Prefeitura de Santo André. Sem a apropriação do patrimônio por parte de todos os moradores, ela não vai acontecer por parte dos turistas.

Paradoxo

Paranapiacaba, nome de origem tupi, significa “lugar de onde se vê o mar”. A vila está localizada no alto da serra, a 796 metros de altitude. Com clima úmido e neblina constante, o acesso à região sempre foi um desafio.

Até novembro de 2001, Paranapiacaba era atendida pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). A partir dessa data, os trens passaram a seguir para a Vila apenas nos finais de semana e, em 2002, tiveram suas viagens suspensas. Hoje, a única maneira de ir até a Vila, através do transporte ferroviário, acontece aos domingos com o expresso turístico. Durante a semana, os moradores de Paranapiacaba precisam enfrentar o trajeto de ir e vir de carro, ou através dos ônibus intermunicipais, que circulam entre as cidades de Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Mauá e Santo André. Os ônibus são precários, as estradas também - especialmente em dias de chuva - , dificultando ainda mais esse trajeto.

Para Silvia Passarelli, a falta de acessibilidade na Vila é um dos grandes pontos que impede que o turismo se desenvolva. A arquiteta ressalta que não é possível chamar a atenção da população para uma vila ferroviária onde não há trens circulando. A volta do trem, é uma forma de qualificar a população que reside ali, para que os mesmos criem estruturas para receber os turistas. “Trem de meia em meia hora? Não, não precisa. Pode ser um projeto igual tem Francisco Morato-Jundiaí. Pode ser a cada duas horas”, afirma. Silvia acredita que as estruturas que faltam no local só vão chegar com a volta do trem.

O turismo do dia-a-dia que Moretto defende em seu discurso de futuro, muito tem a ver com o trem. Para que a Vila garanta um fluxo turístico durante os dias de semana, é preciso que haja uma demanda. Sem trem, essa demanda não existe. O restaurante e a hospedagem não vão abrir suas portas se o turista não estiver ali. “O grande lance é ir para uma vila ferroviária de trem”, declara.

Apesar de todas as tentativas implementadas, ainda que pontuais, Suzana Kleebe, garante que apenas pontos dos projetos para Paranapiacaba foram realizados durante esses 15 anos de compra pela Prefeitura de Santo André. O fluxo turístico ainda não chegou. Prova disso é o Plano Patrimônio, apresentado pela Prefeitura em 2002, onde a intenção era que o fluxo turístico da vila chegasse a 800 mil visitantes por ano e em 2016, o número chegou a apenas 200 mil. O turismo não pode depender de ônibus, é necessário um transporte público que realmente funcione ali.

Moretto explica que a grande dificuldade na volta do trem é por conta do transporte de cargas que existe ali. “Tem toda uma dificuldade de conversa com a empresa responsável pelo transporte de carga, a MRS. Mas é possível você ampliar a capacidade de carga do trem turístico, de colocar mais vagões”, afirma. Essa é uma possibilidade que, segundo ele, vai ser trabalhada pela Prefeitura após a restauração da plataforma da antiga estação ferroviária de Paranapiacaba, que acontece dia 22 de julho. “O ideal é que você tivesse trem todo dia, esse é o desejo. Uma vila ferroviária sem trem ela perde um pouco o sentido da sua essência”.

As questões econômicas entre a MRS e a CPTM, também são um desafio. “Nem a MRS que faz o transporte de cargas quer abrir mão da linha para o trem de passageiros e, nem a CPTM quer colocar uma linha para lá porque não tem demanda”, justifica. Contar sobre uma vila que surgiu por conta da construção da ferrovia e hoje, não tem mais trem, é mais que um desafio. É um paradoxo.

Possibilidades

Paranapiacaba tem potencial para o turismo, pois apesar de estar longe do ideal, é disso que a Vila tem vivido e, sobrevivido nos últimos anos. Nos depoimentos que Eduardo Pin colheu de 29 moradores nos anos de 2013 e 2014, é unânime a certeza de que a Vila teria desaparecido sem a cidade de Santo André e sem os projetos de turismo. Mas é preciso ter um olhar mais fino para o turismo dentro de um patrimônio.

Para qualquer um que visite a Vila, é claro perceber que ali não pode ser implantado um turismo de massa, pois esse turismo exige grandes estruturas físicas, coisa que não existe em Paranapiacaba. Ali, segundo Moretto, não pode haver uma grande construção, um grande hotel. É preciso trabalhar com o que a arquitetura do patrimônio permite. Mas,

uma possibilidade são as áreas ao redor da Vila. “Você tem áreas enormes fora da Vila que você pode montar mil coisas que são impulsionadoras de turismo também, que podem somar, que podem, de alguma maneira, agregar à um projeto para Paranapiacaba”, exemplifica. Essa seria uma das maneiras de impulsionar o turismo e evitar a depredação do patrimônio, fazendo com que a área ao redor da vila seja um local de novos formatos.

Silvia, Suzana e Moretto, além de já terem trabalhos juntos em Paranapiacaba e na Prefeitura de Santo André, defendem que o principal objeto turístico da Vila ainda não é explorado: o modal ferroviário. Paranapiacaba sempre foi vendida como “a vila inglesa” e não a vila ferroviária que realmente é. A inspiração da arquitetura, de fato, é inglesa, mas os ingleses, em sua maioria, não trabalharam ali. A maioria dos homens que trabalharam na construção da ferrovia eram imigrantes espanhóis, portugueses e italianos. Moretto afirma que o marketing que sempre fizeram da vila foi errado e que a maior riqueza que existe ali é a tecnologia que foi trazida para vencer as adversidades da Serra do Mar. “As estruturas de drenagem existentes ali na Serra do Mar para o funcionamento da ferrovia, elas são fantásticas. Mesmo com décadas de abandono, se você vai lá você vai ver que elas estão intactas e funcionando”, declara.

Silvia ainda destaca que a Vila remete ao apogeu do transporte ferroviário. “Eu tenho lá tecnologias de tração que são extremamente importantes e que contam a história do desenvolvimento do Estado, então ela tem essa importância histórica muito grande ligada aos transportes”, afirma. As casas tinham saneamento básico, proteção à incêndio e estruturas fantásticas que não existiam ainda nem na cidade de São Paulo. Waldyr Paterli, ex ferroviário, afirma que nunca sujou os pés de barro em Paranapiacaba e, sempre sujava quando ia até São Paulo. “São obras “faraônicas”, comparado à pirâmide do Egito”, afirma Moretto.

Em Paranapiacaba não existe apenas o turismo histórico e o cultural. O turismo religioso, o ambiental e o pedagógico também são outras possibilidades. O turismo religioso ganha foco, geralmente, no Festival das Bruxas, que acontece uma vez por ano, durante o mês de maio. Juliana Flaminio, funcionária da Biblioteca de Paranapiacaba, diz que esse evento movimenta mais a Vila do que o próprio Festival de Inverno. “O pessoal fica aqui de sexta até segunda, todas as pousadas ficam lotadas. Diferente do Festival de Inverno que o pessoal vem e vai embora no mesmo dia”, conta. O problema encontrado nesse turismo é o preconceito da maioria dos moradores, que não aceitam Paranapiacaba como um lugar para rituais religiosos.

O turismo ambiental também ganhou, ao longo dos anos, um espaço importante na Vila, já que o local é Núcleo da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo e integra a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Ruth Ramos, bióloga e ex agente ambiental de Paranapiacaba, afirma que o sucesso desse modo de fazer turismo é porque a

população e os gestores estão totalmente conscientes da importância ambiental que aquele lugar representa e, da grande biodiversidade que abriga. Moretto também defende que esse modo de se fazer turismo gera renda. “Hoje, a água é o maior patrimônio do mundo e ali é uma região de produção de água”, declara. “Permitimos o uso indireto pela comunidade, por meio das visitas monitoradas”.

A AMA, Associação dos Monitores Ambientais de Paranapiacaba, cumpre o papel de levar os turistas até as nascentes, cachoeiras e trilhas, sem que ocorra depredação da natureza. “São quase 20 anos do governo municipal realizando a fiscalização e funcionando, mesmo com todos os limites e possibilidades”, afirma a bióloga. Para Ruth, a preservação da natureza na região vai ao contrário da realidade do patrimônio edificado, que poderia estar mais preservado do que está hoje.

Com todo seu acervo tecnológico, ambiental, cultural e histórico, o turismo de pesquisa é um outro caminho para a Vila. Muitos turistas e estudiosos, segundo Juliana, praticam esse turismo, mas o retorno nunca vem. “Paranapiacaba sempre foi um local de exploração. As pessoas vêm, tomam de nós e nunca voltam”, conta. Por causa disso, os moradores acabam ficando ressentidos com as pessoas que tomam essas atitudes, pois prometem trazer soluções e não o fazem. Esse impacto faz com que essa população fique inibida à essa possibilidade de turismo que, para Moretto, deve ser altamente incentivada. “O turismo de pesquisa é menos impactante, ele é permanente e ele gera refluxo”, afirma. As ações turísticas precisam ser criadas com a consciência de garantir as estruturas daquele patrimônio. Quanto menos impacto, maior a preservação. Paranapiacaba não precisa só de uma renda como muitos pontos turísticos, mas sim que esse capital gire em torno de um patrimônio conservado e interessante à sociedade.

Diálogos

Lidar com um patrimônio tombado nas três esferas públicas, diante de uma sociedade pautada pelos interesses econômicos não é simples. Se fosse, a Paranapiacaba que os moradores lá do ano de 2002 sonhavam, estaria disponível para visitarmos hoje. Porém, o que se encontra é uma Vila longe do seu ideal. Paranapiacaba ainda conta com a gestão de empresas privadas como a MRS e a CPTM. Como se não bastasse, grande parcela dos moradores ainda não se apropriou do patrimônio, sem entender a importância que aquele lugar tem dentro da história. O diálogo entre esses agentes precisa ser assunto principal dessa discussão.

Trazer o trem de volta, incentivar as possibilidades de turismo, manter as estruturas e a apropriação do patrimônio por parte dos moradores, são processos que precisam ser discutidos urgentemente por esses agentes. Processos que precisam ser realizados para

que a Vila chegue um dia ao seu ideal de turismo, mas que precisam ser fiscalizados para que não haja depredação do patrimônio. Moretto explica que a grande discussão dentro do Condephaat é sobre o projeto como um todo para Paranapiacaba. “Não pode ser um projeto de um único órgão”, reforça. “Não é um projeto da Prefeitura. Paranapiacaba é um local que exige uma gestão múltipla”.

Silvia confirma que esse projeto de gestão para a Vila, como um todo, nunca foi apresentado. “Não tem ninguém que apresente qual é o plano de preservação da Vila”, afirma. Paranapiacaba sempre foi o plano de uma gestão, uma gestão que dura quatro, no máximo oito anos e não um plano de governo. “Eu sinto falta de um projeto que que tenha um horizonte de tempo mais longo, saia desse horizonte de uma gestão, que pense em 20 anos”, conta Moretto. Para ele, os projetos de Paranapiacaba só vão ser políticas públicas de fato quando todos os agentes públicos daquele local, incluindo os moradores, universidades, conselhos e as empresas privadas estiverem inteiramente envolvidos.

Indicada à Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, Paranapiacaba possui características singulares. Uma vila ferroviária influenciada pelos ingleses, que resgata a memória do caminho do café e do desenvolvimento econômico do nosso país. Uma vila da década de 1860 que trouxe uma tecnologia incrível para vencer as adversidades da Serra do Mar, inimaginável para a época. Um local que hoje, conseguiu encontrar nas diversas possibilidades de turismo, forças para que a história que foi escrita ali nunca se perca.

Ano de 2017. Para Moretto e Silvia, mais se ganhou do que perdeu. Para Suzana e Cibele, mais se perdeu. Uma coisa é certa: apenas se esbarrou na proposta ideal que vai garantir um futuro para a Vila de Paranapiacaba. ✪

Reportagem 2

Patrimônio e humanidade

A relação do homem com o espaço se faz necessária para que a Vila de Paranapiacaba continue existindo como patrimônio e território turístico

Paranapiacaba é candidata à patrimônio da humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). O objeto discutido no projeto de candidatura são as tecnologias empregadas na construção da ferrovia, muito avançadas para a época. Vencer as adversidades da Serra do Mar foi um feito histórico, mas o valor excepcional da Vila tem outros protagonistas.

Desde quando surgiu, na década de 1860, Paranapiacaba sempre teve vida. A vila cresceu e desenvolveu sua cultura e costumes graças às pessoas que moravam ali. Exemplo disso é o cambuci, fruto típico da região. Eduardo Pin, mora na Vila há dez anos e conta que não se toma chá das cinco em Paranapiacaba, como era de costume dos ingleses. Ao invés do chá, os moradores preferiam a pinga de cambuci, que substitui muito bem o chá nos dias frios da serra. O fruto se tornou conhecido na vila e deu origem ao Festival do Cambuci, que teve sua 14ª edição neste ano.

O Festival nasceu com o intuito de ressaltar a importância do cambuci para a região e hoje, figura como um dos principais eventos turísticos que acontecem na Vila. Através do festival, estão aliados cultura e economia, já que o turista pode conhecer mais sobre a história do fruto dentro da Mata Atlântica e, pode comprar produtos, como a pinga, sempre produzidos pelos moradores de Paranapiacaba. A relação do morador com a Vila se faz necessária para que esse turismo aconteça.

Não se pode falar de um espaço físico especial sem tratar da relação do homem com esse espaço. Em Paranapiacaba, não é diferente. A vila foi um modelo de cidade para a época. As questões de saneamento, de proteção de incêndio, de organização do território, a escola, o clube, eram feitos que não se encontravam nem na cidade de São Paulo. Apesar da influência dos ingleses, e, dos primeiros trabalhadores serem imigrantes, a vila foi construída por trabalhadores brasileiros. Sem os trabalhadores, nada acontecia. As pessoas que passaram e continuando passando por Paranapiacaba são quem constroem essa história.

Paranapiacaba já teve cinco mil moradores, segundo a Prefeitura de Santo André. Hoje, o número é menor que mil. Silvia Passarelli, membra do Condephaat, garante que esse número é assustador. “Se não tem ninguém tem assalto, tem depredação. Para preservar, eu preciso ter gente morando lá”, ressalta. A Vila, enquanto patrimônio histórico e cultural, precisa garantir sua habitabilidade. Por si só, a estrutura do patrimônio não se

sustenta, ela precisa das pessoas. O declínio no número de habitantes na vila mostra que faltam atrativos para que os cidadãos de lá possam sobreviver.

Restauros

Santo André é uma das 44 cidades brasileiras contempladas com recursos de R\$ 1 bilhão do projeto PAC - Cidades Históricas. Em janeiro de 2013, durante o 2º Encontro Nacional dos Novos Prefeitos, em Brasília, o governo federal, por meio do Ministério da Cultura e do Planejamento, anunciou a destinação de R\$ 1 bilhão do PAC Cidades Históricas para a revitalização de 44 cidades tombadas pelo patrimônio histórico nacional. A cidade de Santo André, por ser responsável pela Vila de Paranapiacaba, tem um recurso de R\$ 41 milhões para realizar esses restauros, que tiveram início em 2015.

Apesar dos restauros serem fundamentais, já que muitas casas estavam em completo estado de abandono, a Prefeitura de Santo André precisa pensar o que é o morar no século XXI. No século XIX, era comum que os banheiros ficassem fora das casas, mas com a tecnologia de hoje, isso não se faz mais necessário. A Prefeitura defende que essas mudanças vão garantir a originalidade e integridade de Paranapiacaba, sem olhar para a dificuldade que os moradores vão passar a ter. “A própria ação de restauro, os projetos que estão sendo feitos vão tornar a Vila um local impróprio para moradia”, afirma Silvia. Além das dificuldades do clima da serra e da falta de acessibilidade por falta do trem, os banheiros foras das casas se torna mais um motivo para que os moradores deixem de ver a Vila como um lugar bom para morar.

Juliana Flaminio, funcionária da biblioteca de Paranapiacaba, acompanhou de perto o restauro deste lugar, o primeiro a ser realizado. Ela ressalta que muitas casas estão prontas, mas não tem ninguém indo para elas. Enquanto essas ficam vazias, a Prefeitura vai tirando outros moradores, o que causa um certo descontentamento por parte da população. Para Juliana, fica a impressão de que a Prefeitura usa desses restauros para tentar mandar muita gente embora. E assim, a população vai diminuindo.

Suzana Kleeb, historiadora, afirma que outros problemas deveriam receber mais atenção, como o frio que os moradores passam dentro das casas. As casas que tem colchão de ar entre as paredes são mais quentinhas, mas são poucas. “Você tem que ter uma ação criativa de forma que aquelas pessoas, passem menos frio, conservando aquele espaço”, afirma. O diálogo com o morador tem que partir das coisas mais simples, como a estrutura física da Vila.

Descaracterização

Quando se fala em patrimônio histórico e cultural, não se fala em viver do passado, mas sim em ter um olhar no passado pensando no futuro. Mas, é preciso manter elementos

para que não aconteça a descaracterização do lugar, tanto na estrutura física como na estrutura cultural.

Na Vila, as estruturas físicas são limitadas e precisam seguir diversas regras. Não se pode ter um banheiro de 20 metros como se teria no centro de São Paulo. Muitos moradores pedem à Prefeitura para derrubar a casa e construir algo como existe nas grandes cidades, o que jamais pode ser feito. A arquitetura da Vila é objeto de estudo e pesquisa. Segundo Silvia, muita coisa ainda não foi estudada a fundo e, esses estudos futuros vão ser muito importantes para entender os manuais de construção que foram utilizados naquela época. Por isso, existe um limite do ponto de vista estrutural.

Esses limites devem ser explicados para os moradores. Para morar em um lugar singular como Paranapiacaba eles precisam entender não só a questão histórica, mas a questão ambiental e, a arquitetura e o urbanismo que foram implementados. Eles não só vão entender melhor as características do local, como vão passar essas informações adiante para os turistas.

Não é possível chegar em Paranapiacaba e tentar impor uma cultura. Os moradores precisam desenvolver essa cultura e, a Prefeitura precisa fomentar ações culturais e criativas nessas pessoas. Apesar dessas ações não terem um custo alto, Suzana afirma que a Prefeitura e a comunidade não valorizam. Cibele Paterli, neta de ex ferroviário, diz que já propôs inúmeras vezes trazer antigos moradores de Paranapiacaba para compartilhar memórias e contar a história que não se encontra em livros. “A maioria das pessoas que podem contar a história de Paranapiacaba estão morrendo porque estão envelhecendo”, afirma. “Então, é a chance. Ou você aproveita agora ou não vai ter mais”.

Os moradores precisam ser vistos como moradores de 2017 e não de 1867. A ferrovia, a vida operária que existia ali, não volta mais, mas é preciso sensibilizar esses moradores com ações como Cibele propôs, pois, o patrimônio sempre vai existir e a apropriação se faz necessária. “Vamos fazer portas abertas, vamos fazer ateliê, vamos fazer mapas mentais. É um caminho”, afirma Suzana. A transição cultural demora a acontecer.

*

A população de Paranapiacaba é vítima da troca de gestão, que ocorre a cada quatro ou oito anos. Cada gestão que inicia, promete uma série de melhorias, onde quase nenhuma é cumprida até o final do mandato. Quando essa gestão sai de cena, o ciclo se inicia novamente. Os moradores vivem inseguros e com medo, características que fazem o descontentamento e a falta de empatia com o local crescerem cada vez mais.

Essa população, na maioria das vezes, não sabe a quem recorrer. A exemplo da gestão atual, Paranapiacaba não tem um representante público, alguém que fale ao prefeito pela Vila. Na tentativa de trazer voz aos moradores, Eduardo e Zélia Paralego, moradores

da Vila, começaram neste ano reuniões para levar os anseios dessas pessoas até o poder público. Ainda são poucos os que comparecem, pois, a resistência dentro de Paranapiacaba é grande. O ideal seria que a própria Prefeitura fizesse isso, mas enquanto não acontece, autoridades locais se destacam para que o morador continue tendo o papel importante que sempre teve dentro deste Patrimônio.

Reportagem 3

Passado, presente e futuro

A expansão cafeeira na província de São Paulo foi o principal motivo para que a Vila de Paranapiacaba fosse criada pelos ingleses na década de 1860. Hoje, o café continua sendo instrumento importante como parte da economia criativa na Vila

“Tem um cafezinho aqui? ”. Era a pergunta que Elisângela e Paulo mais ouviram quando começaram a trabalhar com o projeto social Infinito Olhar na Vila de Paranapiacaba em 2013. Ela, psicóloga e arte terapeuta. Ele, fotógrafo e publicitário. O interesse era o mesmo: realizar um trabalho que favorecesse o desenvolvimento social e cultural da Vila. Mas o projeto ganhou proporções maiores.

Falar da Vila de Paranapiacaba e não falar da expansão cafeeira no estado de São Paulo é como falar da Revolução Industrial e não citar a Inglaterra. O início da construção das linhas ferroviárias foi fortemente incentivado pela promessa de rápido enriquecimento do café, afinal era necessário um transporte eficiente para que o café produzido na fazenda chegasse até o porto de Santos. A São Paulo Railway (SPR) iniciou as obras da ferrovia em 1860, a partir de Santos. Foram necessários mais de cinco mil homens para concretizar o projeto. A maioria eram imigrantes, portugueses, espanhóis, italianos e ingleses. A característica peculiar deste pequeno trecho da ferrovia foi a estrutura criada em torno das obras. Uma pequena cidade no alto da serra ia surgindo para acompanhar os trabalhadores. Porém, trata-se de uma vila que nada tinha de temporária. Paranapiacaba se tornou um projeto de vida e o título de ferroviário tornou-se motivo de orgulho a partir de 1867, quando teve início a operação no trecho.

Elisângela também abraçou Paranapiacaba como projeto de vida. Ela e o marido Paulo largaram a vida em São Paulo e seus empregos formais para realizar o sonho de morar na Vila e trazer um pouco mais de cultura para aquele lugar. O projeto Infinito Olhar nasceu, a princípio, como uma forma de incentivar as crianças e os jovens a usarem a fotografia como instrumento arte terapêutico. “Nós não queríamos vim só para ficar contemplando a natureza, a gente queria poder participar, se envolver com a comunidade”, reforça a psicóloga. “Nosso primeiro encontro, nossas primeiras oficinas aconteceram no coreto da praça. Depois disso, nós conversamos com algumas pessoas da prefeitura, aí ofereceram a biblioteca, alguns encontros foram lá, depois na escola aberta”. No início, o projeto não tinha nenhum espaço físico onde pudessem expor as fotografias que as crianças e os jovens produziam. Ter esse espaço era fundamental, então o casal resolveu alugar seu próprio espaço na Vila, um espaço onde pudessem fazer as oficinas, fazer exposições e ter uma lojinha, onde vendem camisetas e ímãs do projeto.

O café apareceu depois na vida dos fundadores do Infinito Olhar, de uma maneira despretensiosa. De tanto os turistas que visitavam o local perguntarem se a bebida era servida ali, Elisangela e Paulo decidiram investir nesse trabalho. Primeiro, era apenas um café Três Corações comprado no mercado. Depois, eles foram se interessando por essa bebida que, coincidentemente ou não, está nas raízes da Vila. “A gente pegou um gosto, a gente começou a pesquisar os cafés, e serve os cafés especiais hoje”, explica Elisangela. O objetivo ali é servir o café de uma forma diferente e muito simples ao mesmo tempo. É disso que o turista precisa naquele local. Para Marco Moretto, diretor de cultura da Prefeitura de Santo André, Paranapiacaba precisa de um turismo onde o resgate da memória seja o palco das ações. “Turismo de massa não tem nada a ver com a Vila. Precisamos das pequenas ações, onde o turista possa ver a Vila em sua essência”.

Elisangela está trabalhando no processo para que o projeto se torne uma ONG ainda esse ano. Para ela, o incentivo da Prefeitura de Santo André nunca foi muito grande por causa disso. “Só que agora nós já conseguimos o registro de ONG e estamos trabalhando para conseguir o CNPJ, que é o que falta e vamos ver o que a gente consegue agora”, diz, esperançosa.

Um olhar na economia criativa

Economia criativa ainda é um conceito em construção. De acordo com o Panorama da Economia Criativa no Brasil de 2013, esse conceito consiste em um conjunto de atividades econômicas que dependem do conteúdo simbólico, nele incluído a criatividade como fator mais expressivo para a produção de bens e serviços. O espaço Infinito Olhar, além de produzir iniciativas criativas, como a exposição “Mora gente Aqui”*, produz cultura para a parcela interessada da população e gera retorno financeiro, com o comércio do café, do pão de queijo e do bolo que são servidos para os turistas ali, além das camisetas do projeto que fazem parte da lojinha. Tornou-se uma cadeia, onde a produção cultural não vive sem a renda do comércio e vice-versa.

Apesar da maneira despretensiosa como começou, o Infinito Olhar faz a diferença na vida do casal e dos jovens que fazem parte do projeto, que hoje somam em 10. O exemplo mais claro que encontramos lá é Maria Rodrigues, 18, que está no projeto desde o início e agora trabalha no Café nos finais de semana. Além disso, Maria também é a futura secretária da ONG que está em progresso. A jovem desenvolveu uma paixão pela fotografia e ainda teve a oportunidade de ter um emprego dentro do projeto. “Ela não é funcionária, ela é parceira mesmo, ela tem as ideias, ela ajuda a gente a construir”, afirma Elisangela. “Os jovens daqui são interessantes, eles precisam ser vistos”.

Muitos turistas, quando chegam pela primeira vez na Vila, têm a impressão que é uma vila fantasma, onde ninguém mora. O projeto quer levar para os outros locais, junto

com as exposições, a identidade desses jovens, mostrando que em Paranapiacaba moram pessoas interessantes, como Maria. Além disso, pretendem abrir caminhos para que esses jovens, no futuro, possam exercer um trabalho qualificado ligado à arte e à fotografia.

Um olhar no futuro

O fluxo de turistas em Paranapiacaba é de 200 mil visitantes por ano, segundo a Prefeitura Municipal de Santo André. Antes da vila ser comprada pela cidade, o turismo era inconsciente. “As pessoas visitavam sem orientação, acabavam se perdendo nas matas e depredando o patrimônio”, afirma Moretto. Hoje, com a Associação dos Monitores Ambientais de Paranapiacaba (AMA), a divulgação do patrimônio por parte da Prefeitura, o perfil do turista mudou. Os turistas se sentem atraídos pela singularidade do espaço e, se interessam pelas artes expostas e pela cultura que o local exala. “O público que está frequentando esse espaço aqui é um público muito interessante. São pessoas cultas, são pessoas viajadas, é um turismo que tem tudo a ver com a Vila, é o turismo que a gente precisa mesmo conquistar”, concorda Elisangela.

O que falta na Vila é a estrutura para receber esse turista, segundo o casal empreendedor. Nos feriados prolongados, Elisangela e outros funcionários não conseguem dar conta de atender todos os turistas e precisam pedir ajuda para os vizinhos, por exemplo. “O engraçado é que a gente vai crescendo e os espaços vão ficando pequenos. Porque desde que a gente abriu, até hoje, só teve crescimento”, afirma a psicóloga. Elisangela e Paulo acreditam no potencial que Paranapiacaba tem para o turismo, apesar de estar longe do ideal e, por isso, enxergam um futuro no comércio e nos projetos culturais com os jovens.

William Speers, superintendente da São Paulo Railway, que comandou a construção da estação da Luz, dá nome à rua onde funciona o espaço do Infinito Olhar. Uma pequena coincidência histórica que ao pensar agora, faz todo sentido.